



História da Historiografia: International
Journal of Theory and History of
Historiography

E-ISSN: 1983-9928

historiadahistoriografia@hotmail.com

Sociedade Brasileira de Teoria e História
da Historiografia

Guazzelli, Cesar Augusto Barcellos

Sarmiento e seus monstros: caudilhos, deserto e violência na Argentina do século XIX
História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography,
vol. 4, núm. 7, noviembre-diciembre, 2011, pp. 29-55

Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=597770278004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Sarmiento e seus monstros: caudilhos, deserto e violência na Argentina do século XIX

Sarmiento and his monsters: warlords, desert and violence in Argentina of the 19th Century

Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

Professor associado

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

cguazza@terra.com.br

Avenida Mariland, 1719/301 - São João

90440-191 - Porto Alegre - RS

Brasil

Resumo

O escritor argentino Domingo Faustino Sarmiento foi um dos mais importantes intelectuais latino-americanos do século XIX, além de ter participado ativamente dos principais movimentos políticos do seu país. Sua principal preocupação era explicar e buscar soluções para os crônicos problemas que identificava como responsáveis pelo atraso da Argentina e da América do Sul como um todo. A primeira parte deste artigo constará da análise das causalidades que o autor levantava para justificar este atraso da sociedade argentina, onde aparece claramente o que eles supunham fossem razões naturais; a segunda parte procurará destacar a forma como se desenvolveu o pensamento político de Sarmiento, tendo em vista a maneira como via e propunha soluções para os "males" do país; finalmente, serão tratados as inovações e limites desta produção intelectual. Para este texto serão usados alguns dos principais livros de Sarmiento.

Palavras-chave

Ideias políticas; Argentina; Estado.

Abstract

The Argentine writer Domingo Faustino Sarmiento was one of the most important Latin-American intellectuals of the nineteenth century, besides having actively taken part in the major political movements of his country. His main concern was to explain and seek solutions to the chronic problems which he identified as responsible for the backwardness in Argentina and South America as a whole. The first part of this article will consist in the analysis of the causalities that the author brought up to justify this backwardness of the Argentine society, in which clearly appears what they assumed as natural reasons; the second part will seek to highlight how Sarmiento's political thought has developed, considering the way he saw and proposed solutions to the "ills" of the country; finally, will be considered the innovations and limits of this intellectual production. To this text will be used some of Sarmiento's most important books.

Keywords

Political ideas; Argentina; State.

Enviado em: 30/9/2011

Aprovado em: 3/12/2011

O argentino Domingo Faustino Sarmiento nasceu na província de San Juan em 1811 e faleceu em 1888 em Assunção. Foi jornalista e escritor, pertencente aos intelectuais da famosa Geração de 1837, exercendo também atividades públicas significativas: participou do *Ejército Grande* que lutou e derrubou o governo de Rosas, e mais tarde seria sucessivamente governador da província de San Juan, embaixador da Argentina nos Estados Unidos e presidente da Argentina. Apesar da enorme importância intelectual e política que teve em seu tempo, ainda é um autor pouco estudado em nosso meio. O propósito deste texto é abordar os aspectos mais chamativos na produção escrita de Domingo Faustino Sarmiento, um intelectual e político multifacetado que ao longo de muitos anos publicou uma vasta obra buscando explicações para “atraso” e “barbárie” da Argentina, e por extensão para a América Latina como um todo; a compreensão destes “males” de origem seria condição fundamental para que se chegasse àquela situação contrária, o “progresso” e a “civilização” desenvolvidos nos grandes centros europeus, e que se encaminhavam a passos largos nos Estados Unidos.

O artigo está constituído em quatro partes. A primeira traz alguns aspectos da formação intelectual de Sarmiento. Na sequência serão abordadas as suas concepções acerca da história e como procurava no passado as explicações para o real. A terceira parte tratará das causalidades que o autor levantava para justificar o atraso da sociedade argentina, onde aparece claramente o que eles supunham fossem razões naturais. A quarta parte salientará como Sarmiento propunha soluções para os “males” do país.

Para tanto, a escolha de um número limitado de textos é arriscada, a obra de Sarmiento têm dimensões gigantescas¹. Para atender aos objetivos propostos, dois livros servirão como eixo principal deste artigo: sua obra mais conhecida, *Facundo*, quando se afirmou como escritor em 1845 (SARMIENTO 1952); *Conflicto y armonías de las razas*, uma obra de “su vejez”, de 1883 (SARMIENTO 1883). O exame de livros escritos com quase quarenta anos de interregno permitirá observar que os “males” que afligiam Sarmiento eram os mesmos, mas que havia mudanças sutis nas suas interpretações sobre eles. Apoiando estes textos principais serão eventualmente trabalhados outros livros, contemporâneos daqueles: *Facundo* será cotejado algumas vezes com *El Fray Aldao*, também de 1845 (SARMIENTO 1889); *Recuerdos de provincia*, de 1850 (SARMIENTO 2001); *Argirópolis o la capital de los estados confederados del Río de la Plata*, também de 1850 (SARMIENTO 2011) e *Campaña del Ejército Grande*, de 1852 (SARMIENTO 1852). Já *Conflicto y armonías de las razas*, terá eventualmente a companhia de *El Chacho*, de 1868 (SARMIENTO 1973) e *Conferencia sobre Darwin*, de 1882 (SARMIENTO 2009).

¹ Boa parte dos principais livros de Sarmiento em suas edições originais está disponibilizada *on line* através do *Proyecto Sarmiento obras completas en Internet edición bicentenario*: <http://www.proyectosarmiento.com.ar/>.

Sarmiento: o autodidata e seus “cursos”

Domingo Faustino Sarmiento foi um dos tantos intelectuais americanos dos anos Oitocentos que procuraram “diagnosticar os males” do continente para buscarem a partir daí as soluções cabíveis. Este autor foi um pioneiro – foi a partir de 1845 que produziu seus textos mais consistentes – na formulação de uma matriz explicativa para os problemas da Confederação Argentina e, por extensão, da América Latina, que foram muito bem representadas pelo binômio “civilização e barbárie”, que ele também criou. A interpretação de Sarmiento influenciou o pensamento de muitos intelectuais contemporâneos, não apenas na Argentina, mas em países onde viveu e escreveu artigos jornalísticos ou livros, como no Uruguai, no Chile e no Brasil. Mesmo nos Estados Unidos, que se tornou um modelo para os projetos que tinha em relação à Argentina, editou alguns dos seus principais escritos.

Salientando a importância ainda presente de Sarmiento, Diana Quattrochi-Woisson observa que a procura de uma identidade para o país ainda passa pelo binômio “civilização-barbárie” tão caro ao autor, e que seus questionamentos sobre os “males” ainda se fazem presentes entre políticos e intelectuais (QUATTROCHI-WOISSON 1995, p. 38-39). Outros autores salientam os “combates” às ideias de Sarmiento desde distintas correntes políticas, desde o chamado Revisionismo Histórico (STORTINI 2004) às facções de esquerda de inspiração marxista (DEVOTO 2004). Mesmo fora do país, Sarmiento serve como exemplo de intelectual que “renegou” sua identidade americana, professando sua escolha pelo paradigma civilizatório europeu; é o caso do cubano Roberto Fernández Retamar, que em *Caliban*, seu estudo sobre Martí, traz justamente Sarmiento como seu contraponto: “Los interlocutores no se llamaban entonces Próspero y Caliban, sino *civilización* y barbarie, título que el argentino Domingo Faustino Sarmiento dio a la primera edición (1845) de su gran libro sobre Facundo Quiroga” (FERNÁNDEZ RETAMAR 2004, p. 44).

Nascido na cidade de San Juan, capital da província argentina de mesmo nome, em 15 de fevereiro de 1811, e falecido em Assunção do Paraguai em 11 de setembro de 1888, Sarmiento foi contemporâneo de quase todo o longo ciclo de guerras civis que assolaram o Rio da Prata durante o século XIX. Neste período de transição, as sociedades platinas que se haviam desvencilhado da dominação colonial, passavam por sérias dificuldades para se reorganizarem politicamente. As tentativas dos produtores de Buenos Aires, articulados ao mercado, externo em impor seus interesses, enfrentavam a resistência das oligarquias fundiárias não exportadoras à construção de um Estado nacional, e as lutas internas foram ininterruptas praticamente de 1810 a 1862, quando se sacramentaria o pacto político conhecido por Estado Oligárquico. A elite pecuária de região portenha detinha a produção de maior valor comercial, e almejava um Estado centralizado – ou *unitario* – ao passo que as demais províncias procuravam sobreviver autonomamente, defendendo projetos *federales* nas disputas contra os portenhos.

Foi nesse meio que se destacou Domingo Faustino. Pertencendo a um grupo importante de jovens intelectuais, que se tornaram conhecidos como *La Generación de 1837*, desde muito cedo se envolveu e participou das principais discussões políticas do seu tempo (SHUMWAY 1975, p. 131-187). Carlos Altamirano também salienta a importância que os homens daquela geração, especialmente os que eram ligados ao *Salón Literario* de Buenos Aires (ALTAMIRANO 2005, p. 30). O próprio Sarmiento mencionou a importância que teve seu amigo Manuel Quiroga Rosas, que em 1838 o entusiasmara com "las nuevas ideas que agitaban el mundo literario en Francia", citando autores como "Villemain y Schlegel en literatura, Jouffroi, Lerminnier, Guizot, Cousin, en filosofía e historia; Tocqueville, Pedro Leroux en democracia" (SARMIENTO 2001, p. 147). Este convívio de dois anos com os amigos Cortinez, Aberastain, Quiroga Rosas, Rodriguez e outros, Sarmiento considerou um "curso" de filosofia e história, uma forma retórica de referir-se a seu autodidatismo (SARMIENTO 2001, p. 148). Os intelectuais do *Salón Literario* são mencionados também em outras obras para marcar a presença de um pensamento "civilizatório" no país que seria ferreamente perseguido e exterminado pelo governo de Rosas (SARMIENTO 1952, p. 157).

Dono de uma formação intelectual tão diversificada, e apreendida de forma pouco sistemática pelas dificuldades para uma formação acadêmica convencional, é difícil classificá-lo em relação aos movimentos culturais de seu tempo: dizer que ele se identificava com o Romantismo, com o Historicismo, com o Ecletismo, com o Liberalismo, entre outros, a partir dos autores que privilegiava, traz o risco de interpretá-lo de maneira esquemática (ALTAMIRANO 2005, p. 39). Para este autor, não se pode simplesmente abordar Sarmiento enquanto portador de uma doutrina explicativa da história, do pensamento e da sociedade argentina, tampouco tratar das propriedades literárias do seu texto sem contextualizá-lo. Assim, se é inegável que ele fez parte de um movimento progressista num país dividido entre caudilhos da campanha e *doctores* da cidade, ele procurou obstinadamente uma interpretação consistente para o passado (ALTAMIRANO 2005, p. 40). Neste sentido, Carlos Altamirano afirma que a história escrita por Sarmiento era "iluminada con el auxilio de una teoría", como descreve: "Para Sarmiento, que en esto adoptaba uno de los preceptos de la concepción romántica de la historia, entre el personaje y su medio existía una unidad orgánica: se reflejaban mutuamente" (ALTAMIRANO 2005, p. 46).

Outros autores, como Celina Lacay, discutem se esta influência do Romantismo sobre Sarmiento foi tão importante. Salienta a autora que todas as ilações que se fazem entre Sarmiento e o Romantismo se baseiam nas afirmações que ele mesmo presta em seus textos, como no caso de *Recuerdos de provincia* (LACAY 1986, p. 47); quando ele publicou o livro em 1850 ele certamente já havia lido os autores românticos, mas isto não afiança que estes já estivessem presentes na sua formação (LACAY 1986, p. 49). Para um autor que possibilita interpretações múltiplas, como sugere Natalio Botana (SARMIENTO 2011, p. 13), provavelmente a que melhor lhe cabe é aquela tão inspirada que

lhe atribuiu, em *Historia de Sarmiento*, o escritor Leopoldo Lugones: "*Facundo y Recuerdos de provincia son nuestra Ilíada y nuestra Odisea*" (apud ALTAMIRANO 2005, p. 39).

História: explicar com o auxílio de uma teoria!

Ciente de que a luta pela independência não trouxera o desenvolvimento para as jovens nações latino-americanas, procurou pelas causas que explicassem o atraso da sociedade argentina em relação às nações desenvolvidas. O significado de suas obras teria uma importância enorme para justificar o modelo liberal como forma de desenvolvimento nacional, e pode-se observar nos seus textos uma vasta erudição em relação às principais contribuições científicas, literárias e artísticas dos países europeus "civilizados". Foi, além disto, um homem de enorme atuação política a exemplo de seus contemporâneos. Conforme alerta Leandro Losada, "No por casualidad se há señalado que la Generación del '37 estuvo más atenta a la reflexión sobre la sociedad que a los debates más puramente estéticos." (LOSADA 2009, p. 98). Esta análise da sociedade inicialmente não foi pensada com propósitos propriamente políticos, como continua o autor:

En su momento de surgimiento, la Generación del '37 pensó una intervención en la sociedad desde un lugar propiamente intelectual, como lo condensa después de todo, su objetivo de máxima: "completar" el proceso iniciado en mayo de 1810 con una renovación cultural y de ideas (LOSADA 2009, p. 98).

33

Uma característica deste grupo era uma composição "nacional", com representantes de outras províncias além de Buenos Aires; se Echeverría e Lopez eram portenhos, Alberdi vinha de Tucumán e Sarmiento de San Juan, por exemplo (LOSADA 2009, p. 99).

Assim, a trajetória que no futuro teriam alguns dos seus membros – como os casos exemplares de Sarmiento, Alberdi e Mitre – mostra que a participação política nas questões nacionais não estava distante dos seus interesses, mas para este autor "un carácter más definido de "grupo de acción" fué una respuesta al tenso panorama que se delineó después de 1838-1840" (LOSADA 2009, p. 98).

Sarmiento afirma nos seus *Recuerdos de provincia* que ainda muito jovem assistira e as manifestações fanáticas do Cônego Castro Barros, que em 1827 defendia a campanha de Facundo Quiroga contra o presidente Rivadavia, identificando-a como uma luta da religião contra a impiedade dos governantes portenhos: "Furibundo, frenético, andaba de pueblo en pueblo, encendiendo las pasiones populares contra Rivadavia y la reforma, y ensanxhando los caminos para bandidos, como Quiroga y otros, a quienes llamaba los Macabeos" (SARMIENTO 2001, p. 141). O historiador Ariel de la Fuente ao tratar das guerras civis em La Rioja destaca o papel que teve esta pretensa defesa da religião católica pelos caudilhos como forma de associá-los ao atraso e à "barbárie" (FUENTE 2007, p. 208-209).

Quase ao final deste mesmo livro, Sarmiento adianta que, além de ser

protagonista na identificação dos principais problemas argentinos e sul-americanos, foi também aquele que propôs as soluções mais arrojadas:

Sin duda que nadie me disputará en América Latina la triste gloria de Haber ajado más la presunción, el orgullo y la inmoralidad hispanoamericana, persuadido de que menos en las instituciones que en las ideas y los sentimientos nacionales, es preciso obrar en América Latina una profunda revolución [...] De ahí también el doble remedio indicado con igual anticipación, emigración europea y educación popular [...] (SARMIENTO 2001, p. 181).

Parte desta “descoberta” que Sarmiento alega ser sua aparece numa de suas formas prediletas de escrever, a biografia. Se, como escreveu Natalio Botana, em *Facundo* ele afirmara que a autoridade política se fundamentava “en el asentimiento indeliberado que una nación da a un hecho permanente”, residia na relação de Rosas com a sociedade de seu tempo a presença da “barbárie” (SARMIENTO 2011, p. 13). Além da biografia de Facundo Quiroga, forma encontrada para explicar a Argentina de Rosas, ele ainda escreveu as dos caudilhos Fray Aldao e Chacho Peñaloza, além de nomes internacionais importantes como Franklin e San Martín. Aqui estaria para ele o grande mérito da biografia: explicar as tendências de uma sociedade em seu tempo através de uma história de vida, e também divulgar bons exemplos e ideias (ALTAMIRANO 2005, p. 61). Para este historiador, esta associação feita por Sarmiento entre biografia e história, aparte sua originalidade, não teve muitos seguidores, o que já tinha sido observado por Martínez Estrada (ALTAMIRANO 2005, p. 25). *Facundo* além de tudo foi um sucesso editorial: sua apresentação inicial foi em formato de folhetim no jornal chileno *El Progreso*, com o título de “*La vida de Quiroga*”.

Também Celina Lacay observara que em *Facundo* e *El General Fray Aldao*, ambas de 1845, já apareciam os elementos que ela julgava essenciais para a ideia de história de Sarmiento:

a) La historia como inteligibilidad; b) Cada individualidad histórica aparece como representación de una sociedad. Establece una relación entre los hechos históricos, tendencias dentro de una sociedad e individualidades; c) Señala la existencia de partidos que expresan tendencias sociales irreconciliables entre sí; d) Universalidad de la historia; e) La historia es un encadenamiento de distintas etapas cuyo resultado es el progreso (LACAY 1986, p. 54).

Esta tentativa de mostrar que homem e sociedade estabelecem uma relação biunívoca foi captada por Natalio Botana de forma arguta que, “atribuyendo a Rosas el papel de quien practicando un vicio genera, sin quererla, la consecuencia de recrar alguna virtud”, Sarmiento não percebe a sociedade de forma estática (SARMIENTO 2011, p. 15). Assim,

Parecía entonces que la historia, en una suerte de desenvolvimiento dialéctico, había dispuesto los elementos constitutivos de un poder de hecho, sin duda necesario, para limitarlo posteriormente o, sin más vueltas, destituirlo [...] la hipótesis de que desde el seno de la guerra civil entre unitarios y federales se había formado un poder de facto sin el cual nopodrian desarrollarse la sociedad política y la libertad civil (SARMIENTO 2011, p. 16).

A noção de que Sarmiento não fazia uma simples compilação de documentos ou que simplesmente arrolava diatribes contra os representantes da “barbárie” já seria visível em afirmações do próprio escritor, que confessava sua admiração por Michelet. Neste sentido, Carlos Altamirano cita uma frase lapidar de Sarmiento em *Los estudios históricos en Francia*: “El historiador de nuestra época va a explicar con el auxilio de una teoría, los hechos que la historia há transmitido sin que los mismos que la describían alcanzasen a comprenderlos” (apud ALTAMIRANO 2005, p. 31). O mesmo autor observa ainda que na obra referencial já de 1883, tida coma a mais amadurecida e ambiciosa, *Conflicto y armonías de las razas en América Latina* (SARMIENTO 1883), “revela el tributo que paga al clima positivista, pero no está a altura de aquellos” (ALTAMIRANO 2005, p. 37). Isto muito provavelmente se relacione já com a afirmação da Teoria da Evolução das Espécies de Charles Darwin, que Sarmiento tratou de apropriar (SARMIENTO 2009).

Mas para o argentino a história era fundamentalmente um território de combate. Para ela, os europeus em geral, e os franceses em particular, não compreendiam a América Latina, incapazes, portanto, para avaliar a “barbárie” presente em Rosas e no caudilhismo. Além de polemizar, Sarmiento também se propunha como capaz de planejar soluções para a Argentina depois da eventual queda de Juan Manuel de Rosas. Em 1850, renunciando as guerras de 1851 contra Oribe e de 1852 contra o próprio Rosas, o escritor lançou dois livros que apontam isto: *Recuerdos de provincia* (SARMIENTO 2001), ao menos nas páginas finais, e mais claramente *Argirópolis o la capital de los estados confederados del Río de la Plata* (SARMIENTO 2011), onde antecipa a futura “federalização” de Buenos Aires (ALTAMIRANO 2005, p. 37).

Esses “combates” de Sarmiento sugerem a Carlos Altamirano uma insólita comparação sobre a defesa obstinada que Sarmiento fazia de suas ideias junto aos seus pares na França com a mentalidade dos caudilhos platinos: “Hagamos aquí un paralelo: Sarmiento procederá a desafiar en el terreno intelectual, como lo había hecho Rosas en el terreno militar, a los sabios y políticos europeos” (ALTAMIRANO 2005, p. 42-43). Esta analogia também havia ocorrido a Félix Luna no capítulo sobre Juan Facundo Quiroga de seu livro *Los Caudillos*: “Sarmiento acertó en la condición sustancial de Quiroga porque en el fondo era tan bárbaro como él. Tenía su misma pasión, su misma desmesura” (LUNA 1971, p. 137).

Sintomático desta contradição interna, quando de certa forma ele se comporta como aqueles a quem combate – mesmo que noutro campo de batalha – pode ser a epígrafe que escreveu justamente para seu *Recuerdos de provincia*, um dos mais célebres trechos de *Macbeth* de Shakespeare (que ele, aliás, atribuiu erradamente a *Hamlet*): “Es este un cuento que, con aspavientos y gritos, refiere un loco, y no significa nada” (SARMIENTO 2001, p. 13). No prólogo do livro, Susana Zanetti e Margarita Pontieri chamam a atenção para que estas contradições se traduziriam em uma tensão em aparentemente três condições em que Sarmiento se apresenta no texto: ao mesmo tempo ele é autor, narrador e protagonista (SARMIENTO 2001, p. 10).

Na sequência serão apresentados alguns dos principais aspectos desenvolvidos pelo escritor para explicar os “males” da Argentina, por extensão da América Latina. Em que pese a importância das referências que faz ao “despotismo” do Oriente, tanto em seu passado histórico ou mitológico (muitas referências ao Antigo Testamento) quanto nas nações contemporâneas, chama a atenção a insistência no mundo feudal da Europa, como se fosse uma etapa já ultrapassada pela “civilização”, um modelo a ser buscado também para a América do seu tempo (ALTAMIRANO 2005, p. 57).

Um diagnóstico “feudal” para a América: civilização e barbárie

O antagonismo expresso pelo binômio “civilização e barbárie” parte de uma visão paradigmática das sociedades europeias, interpretando os casos distintos como desvios deste paradigma (CHIARAMONTE 1983, p. 52-63). Nesse sentido, para os autores românticos do século XIX, entre eles Sarmiento, as sociedades latino-americanas estariam “atrasadas” em relação às europeias, com elementos que as aproximavam delas e outros que teriam um caráter desviante. A ausência de “progresso” das antigas colônias após a independência inspirou Sarmiento a buscar relações de causalidade que justificasse aquele “atraso”, apoiando o raciocínio numa interpretação evolutiva. Mais tarde, os Estados Unidos entrariam nesta comparação com a América Latina, o que mudaria esta ideia de uma progressão linear das sociedades. Assim, os problemas que apresentava a Argentina – e a América Latina por extensão – se deviam a causas naturais (ZORRILLA s/d, p. 9-10): uma relacionada às origens étnicas, e outra ao meio ambiente; derivadas delas sobrepunham-se a oposição entre campo e cidade, e a persistência do “feudalismo”.

36

O problema das raças

No início de sua obra mais madura, *Conflicto y armonías de las razas en América Latina* (SARMIENTO 1883), o autor inicia o texto com questões que servem de mote para o seguimento do texto. À pergunta “¿Qué es la América?” que intitula os prolegômenos do livro, seguem-se as seguintes:

Es acaso ésta la vez primera que vamos a preguntarnos quiénes éramos cuando nos llamaron americanos, y quiénes somos cuando argentinos nos llamamos.

¿Somos europeos?- ¡Tantas caras cobrizas nos desmienten!

¿Somos indígenas?- Sonrisas de desdén de nuestras blondas damas nos dan acaso la única respuesta.

¿Mixtos?- Nadie quiere serlo, y hay millares que ni americanos ni argentinos querrían ser llamados.

¿Somos Nación? - ¿Nación sin amalgama de materiales acumulados sin ajuste ni cimientó?

¿Argentinos? - Hasta dónde y desde cuándo, bueno es darse cuenta de ello. Ejerce tan poderosa influencia el medio en que vivimos los seres animados, que a la aptitud misma para soportarlo se atribuyen las variaciones de razas, de especies y aun de género.

Es nuestro ánimo descender a las profundidades de la composición social de nuestras poblaciones; y si por medio del examen hallásemos que

procedemos de distintos orígenes, apenas confundidos en una masa común, subiríamos hacia las alturas lejanas de donde estas corrientes bajaron, para estimar su fuerza de impulsión, o la salubridad de las aguas que las forman, o los sedimentos que arrastran consigo (SARMIENTO 1883, p. 14).

De alguma forma, estas tantas perguntas acompanhavam Sarmiento desde seu despontar como pensador dos problemas nacionais. Desde seu *Facundo* (SARMIENTO 1952) a natureza do homem americano se fez muito presente. Assim, a dicotomia entre “civilização e barbárie” tem na questão racial uma ampla relação de equivalências que termina necessariamente em “homem europeu” e “homem americano”. Neste ensaio de etnologia – a expressão é do próprio Sarmiento – o branco europeu é um tipo humano “superior” ao ameríndio, ao negro e ao asiático, sendo esta a contingência última de seu crescimento intelectual, e consequentemente social e político. Além da presença das raças inferiores, o autor salienta os indesejáveis efeitos da miscigenação havida desde os tempos coloniais:

El pueblo que habita estas extensas comarcas, se compone de dos razas diversas, que mezclándose forman medios tintes imperceptibles, españoles y indígenas [...] La raza negra [...] ha dejado sus zambos y mulatos [...] eslabón que liga al hombre civilizado con el palurdo [...] Por lo demás, de la fusión de estas tres familias ha resultado un todo homogéneo, que se distingue por el amor a la ociosidad y incapacidad industrial (SARMIENTO 1952, p. 23-24).

37

Aqui Sarmiento observa que foi o próprio sistema de exploração colonial que causou este problema, na medida em que a necessidade de braços fez com que os espanhóis obrigassem os naturais da terra ao trabalho; dada à incapacidade inata destes, houve a opção pela escravidão africana, o que se somaria a uma trajetória destinada ao fracasso das sociedades latino-americanas:

Mucho debe haber contribuido a producir este resultado desgraciado la incorporación de indígenas que hizo la colonización. Las razas americanas viven en la ociosidad, y se muestran incapaces, aun por medio de la compulsión, para dedicarse a un trabajo duro y seguido. Esto sugirió la idea de introducir negros en América, que tan fatales resultados ha producido. Pero no se ha mostrado mejor dotada de acción la raza española cuando se ha visto en los desiertos americanos abandonada a sus propios instintos (SARMIENTO 1952, p. 24).

Além da concepção da superioridade dos brancos em relação aos demais, aparece de uma maneira mais velada, uma relativa inferioridade do europeu meridional em relação ao do norte. Esta questão será mais tarde de suma importância para a apreensão que Sarmiento buscava no evolucionismo de Darwin como apoio para suas ideias (SARMIENTO 2009). A mistura das raças – o que estava bem de acordo com as principais correntes etnológicas da época – seria ainda mais nefasta, provocando “degeneração” dos descendentes de espanhóis, sem trazer benefícios para os “inferiores”.

Já a ausência de misturas raciais seria destacada como uma das explicações para o sucesso da colonização na América do Norte, na esteira da qual se construía o poderio dos Estados Unidos da América:

El norteamericano es, pues, el anglosajón, exento de toda mezcla con razas inferiores en energía, conservadas sus tradiciones políticas, sin que se degraden con la adopción de las ineptitudes de raza para el gobierno, que son orgánicas del hombre prehistórico, bravo como un oso gris, su compañero en los bosques de los Estados Unidos, amansado como una llama en la vasta extensión del Perú, perezoso, sucio y ladrón, como en las Pampas, y ebrio y cruel como en todo el mundo, incluso en las antiguas misiones, sino era hipócrita consumado, no obstante los idilios y consejas que esparcía por el mundo una sociedad de sabios, la cual daba la tónica de los cantos que debía entonar la orden en todas las lenguas para glorificación de Dios y de su propio engrandecimiento (SARMIENTO 1883, p. 128).

Por mais irônica que pareça esta passagem, havia real admiração do autor pelo trabalho realizado pelos jesuítas; no entanto, o seu “fracasso” se devera a uma ausência das condições necessárias aos indígenas para o progresso e, além disto, “porque los jesuítas hicieron más, y fue estimular por motivos religiosos el odio natural del salvaje al hombre civilizado, del índio al blanco, del vencido al vencedor” (SARMIENTO 1883, p. 165).

A respeito dos negros, Sarmiento não é menos mordaz, atribuindo sua presença na América a partir de uma avaliação equivocada – inspirada por uma ideia caridosa de Las Casas – que nos tempos contemporâneos ao autor cobrava seus efeitos. Neste sentido, fazia eco aos cientistas que percorriam as selvas africanas preocupados com a preservação dos nativos. Assim como em relação aos indígenas, o contato inter-racial com os negros deveria ser evitado:

Los negros figuran ya en la política americana como los indios en América; y acaso los negros allá, en el Sur al menos, en sus hijos, tendrán que expiar el error de sus antecesores de haber sacado del África y de su modo de ser, razas que Dios reserva para mundos futuros, acaso para el que preparan Livingstone, Stanley y Brazza en el Río Congo, el Zambrezi y sus tributarios (SARMIENTO 1883, p. 39).

Neste mesmo trecho, o autor informa que Buenos Aires em 1770 tinha uma população ao redor de 16.000 habitantes, dos quais três ou quatro mil eram *criollos*, mais uns mil peninsulares. “Todos los otros habitantes (once mil) son mulatos, mestizos y negros” (SARMIENTO 1883, p. 39). Para o autor, pois, a tarefa de um governo realmente preocupado com o “progresso” passaria necessariamente por um redimensionamento da população. Antecipava-se a justificativa para uma nova imigração europeia, que se daria no apogeu do Estado oligárquico. Tal imigração tinha uma conotação de “depuração” racial, essencial dentro da tarefa “civilizadora” do Estado. Papel análogo também era reservado – e isto desde os tempos de Rivadavia – para a *Conquista del Desierto*, com a ocupação militar da Patagônia e extermínio dos indígenas, aos moldes da ocupação das Grandes Planícies nos Estados Unidos.

A determinação pelo meio ambiente

Sarmiento era um voraz leitor dos naturalistas de seu tempo: Lineu, Agassiz, Cuvier, os visitantes Bompland, Humboldt e Bravard, e mais tarde o próprio Darwin. As apreciações que desenvolvia sobre estes autores eram quase

sempre muito apropriadas, mostrando o caráter realmente “científico” que buscava para apoiar suas teses. Neste sentido, ele assumira como que o meio ambiente era o determinante em última instância da infinita variedade da vida na Terra: “Ejerce tan poderosa influencia el medio en que vivimos los seres animados, que a la aptitud mismo para soportarlo se atribuyen las variaciones de las razas, de espécies y aun de gênero” (SARMIENTO 1883, p. 14).

De acordo com esta óptica que é própria da visão historicista romântica de seu tempo, a interdependência de homem e paisagem, no exame do caso argentino entrariam em jogo duas variáveis que se somavam: a extensão territorial que implicava num vazio populacional relativo, e a hostilidade característica do ambiente natural na região pampiana:

El mal que aqueja a la Republica Argentina es la extensión; el desierto la rodea por todas partes, se le insinúa en las entrañas; la soledad, el despoblado sin una habitación humana [...] Esta extensión de las llanuras imprime, por otra parte, a la vida del interior cierta tintura asiática que no deja de ser bien pronunciada [...] Así es como en la vida argentina empieza a establecerse por estas peculiaridades el predominio de la fuerza brutal, la preponderancia del más fuerte, la autoridad sin límites y sin responsabilidad de los límites y sin responsabilidad de los que mandan, la justicia administrada sin formas y sin debates (SARMIENTO 1952, p. 23).

39

Neste sentido, Facundo poderia ser pensado como portador de um “espírito” da natureza que o rodeava, expressão de uma época e de seu povo (ALTAMIRANO 2005, p. 57). Assim, não é de estranhar que Sarmiento, vez por outra, se apoie em romancistas, como faz nas diversas vezes em que equipara a dura vida dos habitantes dos pampas argentinos com aquelas dos norte-americanos, descrita nos romances, como a série *The leatherstocking tales*, de James Fenimore Cooper. Para Carlos Altamirano, haveria aqui até certa curiosidade pelo aspecto “poético”, ou até “romântico” desta “barbárie” trazida pela literatura (ALTAMIRANO 2005, p. 51). Para Adolfo Prieto, a consagração de Cooper com os romances *O último dos moicanos* e *A pradaria*, de grande difusão nos Estados Unidos e fora deles, “permitieran directas analogías con las modalidades de la vida pastoril em la Argentina, se proponía como una combinación de atractivos irrenunciables en las circunstancias y en el contexto en los que Sarmiento decidía sus opciones de escritor” (PRIETO 2003, p. 168). Neste sentido, é exemplar o que escreveu Sarmiento:

Cuando leía en el *Último de los mohicanos* de Cooper, que Ojo de Halcón y Uncas habían perdido el rastro de los Mingos en un arroyo, dije para mí: van a tapar el arroyo. Cuando en *La pradaria* el Trampero mantiene la incertidumbre y la agonía mientras el fuego los amenaza, un argentino habría aconsejado lo mismo que el Trampero sugiere al fin, que es limpiar un lugar para guarnecerse, e incendiar a su vez, para poder retirarse del fuego que invade sobre las cenizas del punto que ha incendiado. Tal es la práctica de los que atraviesan la Pampa para salvarse de los incendios del pasto (PRIETO 2003, p. 33).

Da mesma forma que Cooper, Adolfo Prieto destaca a importância igualmente cobrada pelo poema *La cautiva* de Estebán Echeverría que, incorporado

em *Facundo* (SARMIENTO 1952), reconheceria uma continuidade entre estes escritores românticos do século XIX que se empenhavam, não apenas no desenvolvimento das respectivas literaturas nacionais, como atribuíam a elas a possibilidade de divulgação das peculiaridades dos seus países. Sarmiento, em relação a isto, “establecía, de paso, un estatuto de excelência desde el que podía saludar la aparición de los primeros escritos distintivos de los miembros de su generación” (PRIETO 2003, p. 169-170).

A vida no *desierto* – e que praticamente não se alterou quando se estabeleceram as estâncias de criação – obrigara seus povoadores ao convívio com o sacrifício dos animais, habituando-os ao sangue derramado, o que se estenderia mais tarde aos inimigos nos campos de batalha. Também o uso dos cavalos, muito prolíficos nos pampas, formava outra das bases para as *montoneras*² nas guerras civis; neste sentido, Sarmiento salienta a precocidade com que iniciava esta a intimidade dos homens da campanha com as montarias e com os instrumentos de trabalho das grandes propriedades pecuárias:

Los niños ejercitan sus fuerzas y se adiestran por placer en el manejo del lazo y de las boleadoras [...]; cuando son jinetes, y esto sucede luego de aprender a caminar, sirven a caballo algunos quehaceres; [...] cuando la pubertad asoma, se consagran a domar potros salvajes [...]. Aquí principia la vida pública, diré, del gaucho, pues que su educación ya está terminada (SARMIENTO 1952, p. 29).

A referência aos cavalos como inseparáveis das plebes rurais se estendeu aos demais habitantes do “deserto”. Neste sentido, o papel dos homens brancos que se haviam “degenerado” nestes espaços, ao invés de trazer hábitos “civilizados” contribuíra para aumentar o caráter indômito dos indígenas. Comparando com as áreas andinas, onde o uso do cavalo pelos indígenas era impossível, Sarmiento adverte:

Por el contrario, en Venezuela y la Republica Argentina los llaneros y la montonera han ejercido suprema influencia en las guerras civiles, habilitando a las antiguas razas a mezclarse y a refundirse, ejerciendo como masas populares de a caballo la más violenta acción contra la civilización colonial y las instituciones de origen europeo, poniendo barreras a la introducción de las formas en que reposa hoy el gobierno de los pueblos cultos (SARMIENTO 1883, p. 158).

Percebe-se, pois, que somada à “natural” inferioridade das raças que povoavam a América Latina, acrescentar-se-ia a negatividade do meio ambiente, que torna os homens selvagens, ociosos e virtualmente irredutíveis à “civilização”.

Finalmente, além do efeito que exerce diretamente sobre os homens, a geografia do país permite outra dedução sagazmente feita por Sarmiento para justificar a necessidade de um governo *unitario*, centralizado em Buenos Aires: a própria natureza assim o exigia, já que se tratava da única abertura para o

² *Montonera* era uma palavra pejorativa criada pelos espanhóis com referência às tropas irregulares de Artigas durante o cerco de Montevideu em 1811; é derivada de *montón*: a ralé (ANSALDI 1973).

Atlântico, sendo o Rio da Prata a confluência “natural” de todos os principais rios, vale dizer de todo o país:

Norte América está llamada a ser una federación, menos por la primitiva independencia de las plantaciones, que por su ancha exposición al Atlántico y las diversas salidas que al interior dan en San Lorenzo al Norte, el Misisipi al sur y las inmensas canalizaciones al centro. La Republica Argentina es una y indivisible (SARMIENTO 1952, p. 22).

Portanto, os Estados Unidos – quase sempre citados como modelo para a organização política da Argentina – tinha razões para adotar um sistema federalista a partir de características naturais que não se repetiam no Rio da Prata.

O campo contra a cidade

Algumas considerações são pertinentes antes de considerarmos os escritos de Sarmiento em relação ao contraponto entre campo e cidade no espaço platino. No início de suas atividades literárias e jornalísticas, Sarmiento não tinha a mesma repulsa ao Federalismo que já caracterizava contemporâneos seus, Juan Bautista Alberdi e Estebán Echeverría em particular. Provavelmente isto se deva pela amizade que desfrutava com Nazario Benavidez, o governador de San Juan que pertencia ao *Partido Federal*; mesmo alinhado com Rosas, Benavidez era tolerante com Sarmiento, e não o perseguiu apesar dele defender suas ideias liberais (ALTAMIRANO 2005, p. 32). Por outro, não foi ele o criador da célebre antinomia “civilização e barbárie”, que já fazia parte do vocabulário intelectual da Ilustração, e que na Argentina estava presente desde o início do século XIX; a Sarmiento de pode atribuir a ênfase no uso desta fórmula e sua disseminação no pensamento americano, e mesmo ocidental (ALTAMIRANO 2005, p. 50).

Há uma contradição no “diagnóstico” da barbárie feito por Sarmiento: o mesmo ambiente hostil que serviu para justificar a rusticidade e brutalidade dos habitantes do pampa, também se mostra farto e generoso, pois o gado “alçado” supria todas as necessidades imediatas. Aquelas planícies que constituíam o *desierto* por um lado, de outra parte não estimulavam o desenvolvimento da inteligência humana e o trabalho coletivo na luta contra as adversidades:

La procreación espontánea forma y acrece indefinidamente la fortuna; la mano del hombre está por demás; su trabajo, su inteligencia, su tiempo no son necesarios para la conservación y aumento de los medios de vivir. Pero sin nada de esto necesita para lo material de la vida, las fuerzas que economiza no puede emplearlas como el romano: fáltale la ciudad, el municipio, la asociación íntima, y por tanto, fáltale la base de todo desarrollo social; no estando reunidos los estancieros, no tienen necesidades públicas que satisfacer: en una palabra, no hay ‘res pública’ (ALTAMIRANO 2005, p. 27).

Torna-se interessante aqui um paralelo entre estas observações de Sarmiento com diagnóstico análogo feito pelo “ilustrado” espanhol Félix de Azara em sua célebre “memória” de 1800 (AZARA 1943).³ A abundância do gado

³ Azara será mais tarde citado por Sarmiento como um dos grandes naturalistas e etnólogos do espaço platino, comparando-o mesmo a Lineu (SARMIENTO 2009, p. 17).

bovino era responsável pela ociosidade nas áreas rurais, pois todos os escassos bens de que a plebe rural dispunha para a vida frugal que levava provinham do abate das reses xucas.

Desta forma, a campanha argentina apresenta um atraso que precisa ser revertido através de uma modificação levada em dois sentidos: desenvolvimento de comunicações que desfizessem o isolamento, e mudanças na atividade econômica, trazendo populações “superiores” que vejam no trabalho da terra uma possibilidade de riqueza, e buscando sua riqueza individual tragam o bem da coletividade – uma síntese quase do pensamento liberal.

Por outro lado, se na campanha se localiza todo o atraso, é nas cidades portuárias que se concentrava quase uma transposição da civilização europeia. As múltiplas atividades proporcionadas pela cidade, beneficiada com o contato fácil com o exterior, faziam dela a antítese do que se operava no interior. Sarmiento é explícito quando atribui aos governos *unitarios* o projeto “civilizador” com bases na cidade:

El año 1820 se empieza a organizar la sociedad, según las nuevas ideas de que está impregnada; y el movimiento continúa hasta que Rivadavia se pone a la cabeza del gobierno. Hasta este momento Rodríguez y Las-Heras han estado echando los cimientos ordinarios del gobierno libre (SARMIENTO 1952, p. 79).

Neste sentido, os anseios por modernidade e superação do passado colonial seriam tão generalizados que a capital portenha poderia avançar em relação aos modelos europeus. A conjuntura da Restauração se constituía num obstáculo que não era vivido pela jovem nação que se organizava, sob a liderança de Buenos Aires:

Rivadavia viene de Europa, se trae a la Europa; mas todavía desprecia a la Europa; Buenos Aires (y por supuesto, decían, la Republica Argentina) realizará lo que la Francia republicana no ha podido, lo que la aristocracia inglesa no quiere, lo que la Europa despotizada echa de menos. Esta no era una ilusión de Rivadavia; era el pensamiento general de la ciudad, era su espíritu, su tendencia (SARMIENTO 1952, p. 79).

Para Sarmiento não existia qualquer possibilidade de chegar ao progresso que não passasse pelo desenvolvimento urbano. Neste sentido, o avanço da “civilização” se confundia com refinamento e elegância, o que se coadunava com os padrões parisienses e londrinos. Assim escreveu ele:

La ciudad es el centro de la civilización argentina, española, europea; allí están los talleres de las artes, las tiendas del comercio, las escuelas y colegios, los juzgados, todo lo que caracteriza, en fin, los pueblos cultos. La elegancia en los modales, las comodidades del lujo, los vestidos europeos, el frac y la levita, tienen allí su teatro y su lugar conveniente (SARMIENTO 1952, p. 25).

No entanto, como salienta Adolfo Prieto, o escritor exagerou ao atribuir às *ciudades* provinciais argentinas as características que eram próprias a Buenos Aires. Ao identificar uma “ruralização” (CHIARAMONTE 1991, p. 21-54) – que

efetivamente ocorreu como consequência ao processo de descolonização – nas antigas *ciudades* coloniais das províncias, Sarmiento as eleva a um grau de desenvolvimento urbano que nunca haviam ostentado. Escreve Prieto:

Al extender el estatuto de Buenos Aires, ciudad comercial, al resto de las ciudades del país, que no lo eran, impresiona tanto como una decisión política tendiente a analizar un frente de oposición neto a todo lo significado por la campaña, como una determinación literaria de trabajar con los efectos simplificadores del contraste (PRIETO 1996, p.163).

Fica assim bem caracterizada uma dualidade observada por Sarmiento; conviviam simultaneamente duas sociedades, e aquela que se inseria no mundo moderno, necessariamente transformaria a outra. Esta é a base para o raciocínio de Sarmiento de que existem etapas históricas a serem transpostas: o mundo moderno está presente “objetivamente” nas cidades ou no litoral, mas o interior, onde predominam as atividades rurais ainda aos moldes coloniais, está atrasado em relação a este desenvolvimento, pertencendo a uma etapa ainda “feudal”.

Carlos Altamirano atenta para outra condição atribuída por Sarmiento às cidades do espaço platino, além daquela mais visível de que na campanha e nos seus caudilhos residia a “barbárie”, por incompatibilidade com o caráter agregador dos espaços urbanos, oposto à dispersão do “deserto”, que favorecia os poderes pessoais. Sarmiento referia-se a duas guerras sustentadas pelas cidades – especialmente Buenos Aires – ao longo do século XIX: uma vitória delas contra a ordem colonial espanhola; e uma guerra inconclusa dos caudilhos provincianos e suas *montoneras* que se dirigia contra qualquer tipo de ordem social (ALTAMIRANO 2005, p. 49).

Este é o aspecto central da sua obra, pois é a primeira vez que surge o “diagnóstico feudal” (CHIARAMONTE 1983) como explicativo para os problemas da Argentina no rumo da “civilização”.

As *montoneras* e o feudalismo

Para Sarmiento, os *gauchos* eram homens abarbarados, que formavam as *montoneras* a serviço dos caudilhos, atuando como se fossem milícias pessoais. Ele acentuava que estes campeiros viviam em meio ao morticínio dos animais, ao uso das armas brancas e ao correr de sangue, nas tarefas cotidianas do pastoreio, o que traria um condicionamento “natural” a uma vida voltada para a violência. Após o “aprendizado” nas estâncias, o uso das armas brancas passaria a ser motivo de muitos conflitos nas reuniões em *boliches* e *pulperias*, lugares frequentados pelos ociosos e *malentretenidos* que buscavam diversão e confusões:

El gaucho, a la par de jinete, hace alarde de valiente, y el cuchillo brilla a cada momento, describiendo círculos en el aire, a la menor provocación, o sin provocación alguna, sin otro interés que medirse con un desconocido; juega a las puñaladas, como jugaría a los dados. [...] Su objeto es sólo ‘marcarlo’, darle una tajada a la cara, dejarle una señal indeleble (SARMIENTO 1952, p. 42).

Nos casos em que ocorriam homicídios – fossem eles intencionais ou involuntários – os criminosos habitualmente encontravam guarida em lugares mais afastados, pois sempre haveria algum caudilho precisando de homens adequados para suas forças irregulares. As autoridades legais não tinham, assim, possibilidades de punirem ou sequer capturarem estes foragidos da justiça:

Si sucede una “desgracia”, las simpatías están por el que desgració; el mejor caballo le sirve para salvarse a parajes lejanos, y allí lo acoge el respeto o la compasión. Si la justicia le da alcance, no es raro que haga frente, y si “corre la partida”, adquiere un renombre desde entonces, que se dilata sobre una ancha circunferencia (SARMIENTO 1952, p. 43).

Os chefes destes bandos, formados por “bárbaros” que resultaram do condicionamento combinado de fatores raciais e ambientais, passando pela criação no meio das carnificinas das estâncias de criação, seriam os responsáveis por associações que se dispersavam na vastidão dos pampas, ciosos de seus interesses privados e avessos a programas centralizadores que afetassem suas prerrogativas.

Para Sarmiento – mesmo “sin buscar tipos históricos como los Borgias” (SARMIENTO, 1883 p. 167) – estas características definiam estas sociedades como “medievais” ou “feudais”, e os caudilhos das *montoneras* provinciais seriam as versões contemporâneas dos “barões” da Europa medieval:

Ignoro si el mundo moderno presenta un género de asociación tan monstruoso como este. [...] Es, en fin, algo parecido a la feudalidad de la Edad Media, en que los barones residían en el campo, y desde allí hostilizaban las ciudades y asolaban las campañas, pero aquí faltan el barón y el castillo feudal. Si el poder se levanta, es momentáneamente, es democrático: ni se hereda, ni puede conservarse, por falta de montañas y poblaciones fuertes (SARMIENTO 1883, p. 27).

44

O caudilho exercia um poder pessoal em relação aos seus comandados sem a intermediação de quaisquer instituições sociais “civilizadas” tais como partidos políticos, eleições ou formas democráticas de representação. Num outro texto estas relações de natureza “feudal” são bem explicitadas, e a popularidade de caudilhos como Facundo Quiroga ou Chacho Peñaloza só era compreensível pela “barbárie” no campo:

La tradición es, por otra parte, el arma colectiva de estas estólicas muchedumbres embrutecidas por el aislamiento y la ignorancia. Facundo Quiroga había creado desde 1825 el espíritu gregario; al llamado suyo, reaparecía el levantamiento en masa de los varones a simple orden del comandante o jefe: la primitiva organización humana de la tribu nómada, en país que había vuelto a la condición primitiva del Asia pastora. El sentimiento de obediencia se transmite de padres a hijos y al fin se convierte en segunda naturaleza. El Chacho no uso la coerción que casi siempre es necesaria para los gobiernos cultos llamar varones a la guerra (SARMIENTO 1973, p. 75).

Já foi destacado neste artigo o papel que tiveram as biografias na obra histórica de Sarmiento. No entanto, muitas vezes se discute porque a suas escolhas em relação a Aldao e Facundo se – como ele mesmo salienta nestes livros – o alvo de seus ataques era Rosas. Adolfo Prieto oferece uma interessante

interpretação, ligada ao próprio ato de escrever uma biografia, que teria muito menos cuidados quando o personagem tratado já tivesse falecido:

También en el reemplazo de la figura de Rosas por la de Quiroga parece advertirse esta práctica de acomodación. Rosas, la obsesión por Rosas, es transparente a lo largo del texto, pero el gobernador de Buenos Aires, en la plenitud de su ciclo vital, era improbable sujeto de una biografía. Quiroga, en cambio, lo era, porque, muerto desde hacía diez años, tenía clausuradas sobre su memoria, su historia y su leyenda, todas las llaves de interpretación y fabulación disponible (PRIETO 1996, p. 164).

Desta determinação não fugiam sequer representantes do clero. Muitas vezes houve párocos e capelães envolvidos nas *montoneras*, na medida em que os principais líderes *unitarios* preconizavam governos laicos, com separação da Igreja do Estado; no entanto, o caso do Padre Aldao foi muito significativo para este diagnóstico “feudal” que Sarmiento imputava ao mundo rural argentino. Filho de importantes proprietários de terras de Mendoza, o religioso Félix Aldao ainda muito jovem esteve presente de forma ativa na batalha da *Guarda Vieja* em 1817, nas tropas de Las Heras:

Era el capellán segundo de la división que, arrastrado por el movimiento de las tropas, exaltado por el fuego del combate, había obedecido al fatídico grito de ¡a la carga! precursor de matanza y exterminio de San Lorenzo. Al regresar la vanguardia victoriosa al campamento fortificado que ocupaba el coronel Las Heras con el resto de su división, las chorreras de sangre que cubrían el escapulario del capellán, revelaron a los ojos del jefe, que menos se había ocupado en auxiliar a los moribundos, que en aumentar el número de los muertos (SARMIENTO 1889, p. 3).

45

O envolvimento do padre Aldao com a política de sua província, que resultou mais tarde no cargo de governador, tornou-o um dos principais seguidores de Rosas. Assim, suas funções religiosas tornaram-se praticamente nulas, obscurecidas pela sua atuação militar e pela adoção de hábitos pouco adequados aos seus votos, como o alcoolismo e o concubinato. Sarmiento é implacável: “El desprecio que concitaba su posición equívoca estaba presente en sus ojos, y aun en la época de su tiranía, la palabra fraile lo hería como una mordedura”. Aldao, então, escondia suas relações excusas: “Allí, lejos de las miradas del publico, en seno de su familia, podía verse llamado de *padre* por sus hijos, sin más zozobra que el recuerdo amargo de que en otro sentido se le había llamado el *padre* Aldao” (SARMIENTO 1889, p. 7). Na biografia de Aldao, Sarmiento procura associá-lo àquela imagem do alto clero oriundo das famílias da aristocracia na Europa medieval.

Numa das tantas arengas contra Rosas, Sarmiento acentua que a violência do caudilho tinha fortes raízes na sociedade rural do Rio da Prata, da qual ele não era mais do que seu representante mais evidente: “Rosas no ha inventado nada; su talento ha consistido sólo en plagiar a sus antecesores, y hacer de los instintos brutales de las masas ignorantes un sistema meditado y coordinado fríamente”. No mesmo parágrafo, no entanto, Sarmiento atribui a Rosas a

disseminação e o uso corriqueiro da degola como uma forma de atrair o apoio da plebe adotando um dos seus “bárbaros” costumes:

El ejecutar con el cuchillo, “degollando” y no fusilando, es un instinto de carnicero que Rosas ha sabido aprovechar para dar todavía a la muerte formas gauchas, y al asesino placeres horribles; sobre todo, para cambiar las formas “legales” y admitidas en las sociedades cultas, por otras que él llama americanas y en nombre de las cuales invita a la América a que salga en su defensa [...] (SARMIENTO 1952, p. 48).

De acordo com sua ojeriza aos projetos radicais havidos no início do Movimento de Maio de 1810, Sarmiento foi obrigado a fazer uma comparação da selvageria praticada pelos partidários de Rosas com o período em que os jacobinos dominaram a Convenção, impondo o chamado Terror durante as jornadas de 1793: “En Francia en 1793 se guillotina a los que *sabian leer* por aristocratas; en la Argentina se los degüella por *salvajes*, y aunque el chiste parezca ridículo, no lo es cuando el asesino que os burla así, tenga el cuchillo fatal en la mano” (SARMIENTO 1883, p. 11).

Deste fascínio exercido por Rosas sobre as multidões não estiveram ausentes os negros. Sarmiento dá conta do papel dos negros na Guerra de Independência, tomando parte ativa nos batalhões de Belgrano e San Martín; os remanescentes formaram coletividades periféricas na cidade portenha conhecidas por *candombes*, por associação aos tambores homônimos que rufavam nas suas festas. Sobre eles escreveu Sarmiento:

Los *candombes* fueron el terror de Buenos Aires durante la tiranía de Rosas, que hizo de Manuelita [filha de Rosas] la patrona de la institución. Un día se pasearon las calles de Buenos Aires, ebrios de entusiasmo, precedidos por sus candombes y marimbas, aquellos africanos reunidos en Clubs patrióticos, tras de banderas rojas, como hoy las sociedades francesas, españolas e italianas, banda de música al frente. Día de pavor para los blancos, hijos de españoles, que prepararon, ejecutaron y llevaron a término la Independencia, proscritos ahora, y entregues a los dioses infernales, a los gritos de imueran los salvajes unitarios ¡viva el ilustre Restaurador! que lanzaban mil bocas de semblantes negros y brillantes (SARMIENTO 1883, p. 40-41).

Assim como fizera em relação a James Fenimore Cooper, o autor utiliza o romance *Uncle Tom's cabin*, de Harriet Beecher Stowe, como parâmetro de comparação com a situação dos negros nos Estados Unidos. Esta é uma das poucas críticas que o autor fez em relação ao país do norte, lembrando que o problema dos negros escravos só seria resolvido pela Guerra da Secessão (SARMIENTO 1883, p. 41).⁴

A criação em 1836 do uso obrigatório das insígnias *coloradas* representativas do *Partido Federal*⁵ motivou uma original interpretação de Sarmiento sobre o significado desta escolha, que seria relacionada ao sangue

⁴ Este terror aos negros que aderiram a Rosas foi demonstrado por Echeverría, outro escritor da *Generación de 1837*, na novela *El matadero* (ECHEVERRÍA 1999).

⁵ Usavam-se faixas, lenços ou *vinchas* vermelhas, muitas vezes com os dizeres *¡Viva la Federación, Mueran los Salvajes Unitarios!*

derramado nas guerras civis pelas *montoneras*, numa apologia aos usos da “barbárie”. Na mesma ocasião, o autor faz referência à Bandeira Nacional desenhada por Belgrano e adotada na assembleia que proclamou a Independência em 1816:

Los colores argentinos son el celeste y el blanco; el cielo transparente de un día sereno, y la luz nítida del disco del sol; la paz y la justicia para todos. [...] ¿Sabéis lo que es el color colorado? [...] ¿No es el “colorado” el símbolo que expresa violencia, sangre y barbarie? (SARMIENTO 1952 p. 87-88).

Espertamente Sarmiento não fez alusão ao Escudo Nacional também desenhado por Belgrano, que contém no centro um “barrete frígio” vermelho, símbolo herdado da Revolução Francesa. Ao contrário, o autor associa a cor vermelha às “hordas bárbaras” da Ásia e da África, não por acaso presente nos pavilhões dos países islâmicos, que já haviam deixado suas marcas de violência na Espanha antes da Reconquista. Segundo uma tradição que ainda persiste, apontava Artigas – um dos caudilhos mais vilipendiados por ele – como o introdutor do uso do vermelho como representação política da “barbárie” no Rio da Prata:

Artigas agrega al pabellón argentino una faja diagonal “colorada”.
Los ejércitos de Rosas visten de “colorado”.
Su retrato se estampa en una cinta “colorada”.

[...] La reacción encabezada por Facundo y aprovechada por Rosas se simboliza en una cinta colorada que dice: iterror, sangre, barbarie!

[...] Últimamente [Rosas] consagra este color oficialmente, y lo impone como una medida de Estado (SARMIENTO 1952, p. 88-89).⁶

47

Muitos anos depois ainda afirmava que Artigas era um precursor da “barbárie” nas suas campanhas militares contra Buenos Aires, atribuindo tais características ao passado criminoso que teria levado: “Artigas, como se ha visto era um salteador, nada más nada menos. La tradición de salteadores, tan antigua como la abundancia de ganados alzados, le servia de base de operaciones” (SARMIENTO 1883, p. 170-171).

Em Sarmiento, as conotações depreciativas de “barbárie” e “selvageria” derivadas deste ambiente, terminam por qualificar uma forma de vida que já foi ultrapassada pela civilização europeia, cabendo aos organizadores da nova sociedade argentina – representantes legitimados pelo projeto civilizador – a superação desta etapa. Desta forma, caberia à intelectualidade das cidades dar estas diretrizes, para os executores políticos do programa liberal.

Soluções drásticas para os grandes males

O diagnóstico de que a situação da Argentina se devia a que um importante contingente populacional se encontrasse num estágio atrasado do desenvolvimento – caracterizado a partir do político como “feudal” – é de suma

⁶ Ao que parece não foi Artigas quem primeiro usou o vermelho, mas Mariano Moreno e seus seguidores durante as Invasões Inglesas de 1806; de qualquer forma, este grupo se identificava com os Jacobinos, e esta simbologia do radicalismo de 1893 tampouco era cara para Sarmiento.

importância como marco da historiografia latino-americana. Paula Bruno salienta que após a queda de Rosas em 1852, os antigos componentes da famosa "*Generación del 1837*" procuraram seus lugares na nova organização política: "su formación en tiempos rivadavianos, la sociabilidad en Buenos Aires primero y en el exílio después, la elaboración de textos programáticos, el antirrosismo ferviente y la voluntad de proyectar la nación" seriam características suficientes para atribuir-lhes o caráter de "*padres fundadores*" (BRUNO 2011, p. 13). Deste grupo, certamente foi Sarmiento aquele que reivindicou para si a primazia na discussão e propostas para o mundo que se abria com o fim da Confederação de Rosas, como salientou em *Recuerdos de provincia* (SARMIENTO 2001, p. 181).

A desarticulação do "feudalismo" em que se encontrava o país passava necessariamente pelo fim dos caudilhos e suas *montoneras*, especialmente o principal deles, o poderoso Juan Manuel de Rosas, governador de Buenos Aires. Talvez a principal questão fosse a interdição para a navegação dos rios tributários do Rio da Prata: ela afetava as províncias não apenas do *litoral* argentino como também as do centro e norte do país, além dos países vizinhos (Brasil, Uruguai e Paraguai), e as grandes potências europeias que tinham disputavam as vantagens comerciais do espaço platino (França e Inglaterra). Sobre este aspecto, Sarmiento foi muito enfático em *Argirópolis* (SARMIENTO 2011), espécie de "projeto" nacional que escreveu em 1850:

La más ligera inspección de la carta geográfica nuestra que el Paraguay, Corrientes, Entre Ríos y Santa Fé tienen en los ríos que atraviesan su territorio, medios fáciles de exportación y de contacto con el comercio europeo. [...] del viaje de exploración del Bermejo, resulta que Tucuman, Salta y Jujuy encontrarían en aquella vía acuática exportación provechosa de sus productos. La provincia de Córdoba, limítrofe de Santa Fé, encontraría en la canalización del Tercero y en su inmediación al Paraná una vía de exportación menos costosa y que puede hacerse común a Santiago del Estero y Catamarca, no excluyéndose de esta vía las provincias de Cuyo (SARMIENTO 2011, p. 82).

48

Impressiona mais esta insistência de Sarmiento em terminar com o "*desierto*" através do estímulo aos transportes, quando é possível constatar hoje que, mais de trinta anos depois daquele livro, ele tivesse no seu canônico *Conflicto y armonías de las razas* (SARMIENTO 1883) quase repetido suas palavras:

La cuestión de la libre navegación de los ríos que desembocan en el Plata es hoy una cuestión europea, americana y argentina a la vez, y Rosas tiene en ella guerra interior y exterior hasta que caiga, y los ríos sean navegados libremente. Así lo que no consiguió por la importancia que los unitarios daban a la navegación de los ríos se consigue hoy por la torpeza del gaucho de la Pampa (SARMIENTO 1883, p. 167).

Uma das mais esperadas transformações nas comunicações que terminariam com o *desierto* eram as ferrovias. Obcecado pelo rápido progresso na ocupação dos espaços "vazios" nos Estados Unidos, que desenvolviam sistemas de canais e estradas de ferro, Sarmiento no final da década de 1860 escreveria que o papel da educação era central, devendo ser uma atribuição governamental o estímulo ao ensino generalizado. Para o início deste processo,

Sarmiento contava com o regresso de todos quantos no exílio puderam, não apenas frequentar cursos e universidade, como observarem as sociedades mais avançadas para terem modelos para as mudanças necessárias na Argentina:

Los jóvenes estudiosos que Rosas ha perseguido se han desparramado por toda la América, examinado las diversas costumbres, penetrado en la vida íntima de los pueblos, estudiado sus Gobiernos, y visto los resortes que en unas partes mantienen el orden sin detrimento de la libertad y del progreso, notando en otros los obstáculos que se oponen a una buena organización (SARMIENTO 1952, p. 169).

Esta era uma tarefa que exigia a participação de todos aqueles que haviam sido oprimidos pela ditadura de Rosas, especialmente porque a recuperação do país passava pela implantação de uma “civilização” que até então fora negada. Neste sentido, os trabalhos que vinham pela frente poderiam ser árduos:

Tal es la obra que nos queda por realizar en la Republica Argentina. Puede ser que tantos bienes no se obtengan de pronto, y que después de una subversión tan radical como la que ha obrado Rosas, cueste todavía un año o más de oscilaciones el hacer la sociedad entrar en sus verdaderos quicios (SARMIENTO 1952, p. 172).⁷

49

Para Sarmiento isto só seria uma possibilidade se fosse constituído um governo *unitario* forte, centralizado na região mais rica e civilizada da Argentina. Para tanto, ele próprio participou da grande campanha militar que se concertou para a derrubada de Rosas. Em 1851 o Império do Brasil, em aliança com os *unitarios* argentinos exilados e a adesão de Urquiza, governador de Entre Rios, interveio no Estado Oriental a favor dos *colorados*, que desde 1843 enfrentavam em Montevideu o assédio dos *blancos*, aliados de Rosas. No ano seguinte, a mesma aliança seria dirigida contra o governador de Buenos Aires, que seria derrotado na Batalha de Caseros em 3 de fevereiro de 1852.

Participando das atividades diplomáticas do novo governo de Justo José de Urquiza, Sarmiento escreveu para Mitre em abril de 1852 elogiando a ordem que via na capital do Império. Na busca de exemplos “civilizados” admirou a erudição do Imperador Pedro II, deixando de lado o problema da escravidão, que tanto criticara em obras anteriores:

El Emperador, joven de veintiséis años, estudioso y dotado de cualidades de espíritu y corazón que lo harían un hombre distinguido en cualquiera posición de la vida, se ha entregado con pasión al estudio de nuestros poetas, publicistas y escritores sobre costumbres y caracteres nacionales. Echeverría, Mármol, Alberdi, Gutiérrez, Alsina etc, etc. Son nombres familiares a su oído, y por lo que a mi respecta, habíame introducido favorablemente Civilización y barbarie, hace tiempo, y en primera edición, habiéndose procurado después Sud América, Argirópolis, Educación popular etc (SARMIENTO 1852, p. 87).

⁷ Mais tarde, como governador de San Juan e como presidente da Argentina Sarmiento destacou-se pela disseminação de escolas públicas e estímulo ao ensino.

Mais tarde, Sarmiento abandonou o vencedor Urquiza, que procurava organizar um governo *federal* com apoio das províncias, legitimando-o com um projeto de Constituição de um dos principais representantes da *Generación de 1837*, Juan Bautista Alberdi.⁸ Agregou-se ao governador de Buenos Aires, o *unitario* Bartolomé Mitre, que após manter por alguns anos a província separada da Confederação Argentina, terminaria por derrotar militarmente Urquiza, procurando uma pacificação com os caudilhos provincianos. Ainda enfrentaria as *montoneras* de Angel Vicente Peñaloza, o Chacho, em 1863, e de Felipe Varela em 1867, mas lançou as bases de uma organização nacional.

Manteve sempre a opinião de que o governo deveria destruir totalmente as sobrevivências da “barbárie” nas províncias interioranas, resistentes aos rumos do progresso. Foi dele uma famosa carta dirigida a Mitre em 20 de setembro de 1861: “Pero déjese de ser mesquino. No trate de economizar sangre de gaúchos. Esto es un abono que es preciso hacer útil al país. La sangre es lo único que tienen de seres humanos”. Na biografia que escreveu de Chacho Peñaloza logo após o assassinato deste pelas tropas de Mitre, retomou a questão da guerra sem quartel que deveria ser movida contra as *montoneras* e seus caudilhos:

El bárbaro es insensible de cuerpo, como es poco impresionable por la reflexión, que es la facultad que predomina en el hombre culto; es por tanto poco susceptible de escarmiento. Repetirá cien veces el mismo hecho si no ha recibido el castigo en la primera.
En las revoluciones políticas con gobiernos y ejércitos revolucionarios, las leyes de la guerra entre naciones, protegen a los rebeldes.
Los “guerrillas” desde que obran fuera de la protección de gobiernos y ejércitos, están fuera de la ley y pueden ser ejecutados por los jefes en campaña (SARMIENTO 1973, p. 74).⁹

50

É, pois, nítida no autor a preocupação com uma modificação da sociedade por via do político, já que a avaliação de ambos quanto ao atraso se define por peculiaridades políticas. Todo o encadeamento lógico montado a partir de causas “naturais” e, portanto, passíveis de compreensão, serve como justificativa para a implantação de uma forma liberal de governo que fosse capaz de atualizar o desenvolvimento da república.

Muitos anos depois Sarmiento teria a ocasião de apoiar-se na Teoria da Evolução das Espécies de Charles Darwin – vitoriosa contra o criacionismo remanescente do Antigo Regime – que para ele era uma corroboração bem acabada das ideias que havia apreendido em suas profusas leituras. Em 19 de maio de 1882 pronunciou uma conferência para o *Círculo Médico* em Buenos Aires em homenagem ao cientista recentemente falecido. No início de sua fala, cita Félix de Azara – que reunira uma coleção de espécies equivalente àquela do grande Lineu – e os cientistas que fizeram dos pampas seus objetos de

⁸ Com este intelectual seu contemporâneo, Sarmiento manteve uma longa polêmica por artigos e livros.

⁹ Esta era uma criação do final do século XVIII. Aos exércitos regulares e seus soldados, o tratamento dos vencedores deve ser digno e respeitoso. As milícias irregulares eram passíveis de execuções sumárias. A palavra *guerrilla* foi criada na resistência espanhola à ocupação napoleônica, mantendo este caráter pejorativo até as lutas por libertação no século XX.

pesquisa: Bompland, o primeiro francês que, junto a Humboldt, permaneceu toda sua vida na Argentina; depois D'Orbigny e Bravard, que realizaram importantes estudos geológicos e paleontológicos; finalmente, não poderia deixar de lado a presença àquelas alturas de cientistas nacionais, como os casos pioneiros de Burmeister e Gould (SARMIENTO 2009, p. 17).

Após abordar diversos pensadores que antecederam e forneceram com suas investigações subsídios importantes para a Teoria da Evolução, e de discorrer sobre as andanças do homenageado, Sarmiento ao final da primeira parte da conferência afirma:

[...] y yo, señores, adhiero á la doctrina de la Evolución así generalizada, como procedimiento del espíritu, porque necesito reposar sobre un principio armonioso y bello á la vez, á fin de acallar la duda, que es el tormento del alma. Y aquí me acerco ya al terreno adonde quería llevar la teoría de Darwin, para explicar la influencia social que tales movimientos en las ideas ejercen en nuestra época (SARMIENTO 2009, p. 36).

Na segunda parte assevera que a teoria para ser boa tinha necessariamente que ser bela! Além disto, ela provava que a própria evolução se dava em direção ao mais belo, portanto ao que de melhor poderia ser encontrado na natureza, fossem flores ou as mais variadas criações derivadas do desenvolvimento do pensamento humano:

51

Los que contemplan el espectáculo de un baile aristocrático, pueden verificar si entre armonías de la música y la cadencia e los movimientos, las jóvenes confirman de instinto la teoría de Darwin, para la mejora y embellecimiento, revistiéndose de todos los atractivos y seducciones de las bellas artes, en colores, formas y apéndices (SARMIENTO 2009, p. 51).

Deve-se salientar que o “encontro” de Sarmiento com Darwin foi o coroamento de uma trajetória intelectual na qual foi um precursor na América Latina, se no for considerado um dos principais pensadores do século XIX. As contribuições que ele trouxe para o debate com desassombro, poderiam ser consideradas como um “positivismo” *avant la lettre*, ou mesmo como uma antecipação do que viria a ser denominado “darwinismo social”, algo que o próprio Darwin recusou-se a aceitar. Neste sentido, vale citar os últimos parágrafos escritos na biografia de Chacho:

Las costumbres que Rugendas y Pallière diseñaron con tanto talento, desaparecerán con el medio ambiente que las produjo, y estas biografías de los caudillos de la montonera figurarán en nuestra historia como los megaterios y gliptodontes que Bravard desenterró del terreno pampeano. *Monstruos inexplicables, pero reales* (SARMIENTO 1973, p. 75, grifos do autor).

Conclusão

Talvez não coubesse nesta conclusão discorrer sobre meu “encontro” com Sarmiento! No entanto, foi esta aproximação que provavelmente me encaminhou na direção dos estudos sobre o Rio da Prata do século, e especialmente sobre os caudilhos e suas *montoneras*. No início dos anos 1970, num breve interregno democrático entre duas ditaduras, os *monstruos inexplicables*

havam sido novamente “desenterrados” e seus fantasmas assombravam o cenário político de então: não por casualidade, o grupo armado da esquerda peronista se chamava *Montoneros*, numa alusão aos “guerrilheiros” que no século anterior haviam “resistido” ao liberalismo dos *vendepatrias* defendidos por Sarmiento. Procurar no passado compreender aquele presente tão turbulento propiciou, naquele distante ano de 1974, minha primeira leitura do *Facundo*, o que depois se repetiria muitas e muitas vezes; logo a seguir vieram *El Chacho* e outros mais. Mas tão importantes quanto as leituras de Sarmiento foram aquelas de seus críticos. Sim, porque, não apenas a importância, como também a virulência dos escritos de Sarmiento não permitem “meios-termos”: se por um lado ele foi praticamente o criador de uma matriz de interpretação do passado argentino sobre o qual se fundou a historiografia liberal, ou seja, aquela considerada “oficial”, por outro, ele recebeu as mais duras diatribes de variados autores e de diferentes correntes políticas. O espaço deste texto permite que eu aborde apenas algumas delas, que a meu juízo são significativas.

A primeira foi a do então jornalista José Hernández, futuro autor do célebre *Martín Fierro*, no livro *Vida del Chacho* (HERNANDEZ 1973) que é uma resposta à biografia de Sarmiento no mesmo ano de 1863, onde rebate ponto por ponto as opiniões deste sobre o caudilho de La Rioja; para Hernández, os verdadeiros criminosos eram os *unitarios* que governavam o país – o presidente Mitre e seus oficiais, além do próprio Sarmiento – fazendo no seu texto um libelo a favor dos *gauchos* perseguidos e condenados pela “civilização”.¹⁰ Em tempos mais contemporâneos, um dos maiores apologistas dos caudilhos, o escritor e historiador Félix Luna, atribui a Sarmiento o mesmo grau de violência que ele atribuía aos caudilhos, interpretando esta postura como um resquício da sua origem provinciana que procurava exorcizar (LUNA 1971).

Dentre os muitos autores estrangeiros que abordaram Sarmiento, o escritor Fernández Retamar no seu *Caliban* (FERNÁNDEZ 1988) retrata o argentino como o contraponto por excelência de José Martí; se o poeta cubano havia feito ao longo de sua obra poética e jornalística o resgate das raízes mestiças do continente americano, motivando a apologia da *Nuestra América*, o argentino representaria a negação desta mesma América, fazendo da defesa da “civilização” europeia uma justificativa para a sociedade internamente excludente, e defensora da dominação estrangeira criada pelas oligarquias exportadoras. Não muito diversa é a opinião de Eduardo Galeano: em seu livro *As caras e as máscaras* (GALEANO 2004), Sarmiento mereceu três citações, todas elas acusando-o de entreguista: a caracterização de Artigas como criminoso, a defesa da abertura aos estrangeiros, e o racismo e preconceito que justificavam a defesa da “civilização” europeia. Mesmo o norte-americano Shumway, um estudioso da literatura platina que procura fazer uma análise mais isenta, não interpreta de forma muito diferente a obra de Sarmiento (SHUMWAY 1995, p.131-187).

¹⁰ Este tema seria retomado por José Hernández em 1972, no poema canônico *El gaucho Martín Fierro*, a mais importante criação da literatura gauchesca.

Finalmente, os escritos do polêmico autor argentino exerceram influências entre os autores brasileiros. Bastaria lembrar que uma obra tão significativa como *Os sertões* de Euclides da Cunha (CUNHA 2009) tem sua estrutura montada sobre uma determinação a partir do ambiente – “A terra” – e da população que vive nestes sertões – “A gente” – que inicia com a célebre frase: “O sertanejo, é, antes de tudo, um forte.” Já a sua leitura entre os autores rio-grandenses, preocupados com a gênese e o papel histórico dos gaúchos do passado, motivou a procura da origem lusitana dos campeiros do Rio Grande do Sul, que os faria muito diferentes dos *gauchos* castelhanos (VELLINHO 1973).

Portanto, os estudos sobre Sarmiento mantêm-se atuais, e ainda referenciais para a compreensão das identidades nacionais e regionais no espaço platino. Além disto, este autor é um exemplo acabado daqueles poderosos intelectuais do século XIX, cuja erudição abarcava os mais variados campos do conhecimento e das artes. Assim sendo, quem se interesse pelo processo de construção dos Estados nacionais na América Latina, que tenha gosto pela historiografia do século XIX, ou mesmo procure mapear algumas das relações entre a história e a literatura não pode passar ao largo da obra de Domingo Faustino Sarmiento!

Nos seus últimos dias opôs-se aos governos Celman e Rocca, pouco interessados em desenvolver o potencial econômico do país, resumindo suas críticas na célebre frase: “La oligarquía con olor a bosta de vaca gobierna el país”.

Referências bibliográficas

- ACHA, Omar. **Historia crítica de la historiografía argentina**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.
- ALTAMIRANO, Carlos. **Para un programa de historia intelectual y otros ensayos**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.
- _____; SARLO, Beatriz. **Ensayos argentinos: de Sarmiento a la vanguardia**. Buenos Aires: Ariel, 1997.
- ANSALDI, Waldo. “Montoneras”. In: ANSALDI, Wando et al.(org.) **Términos latinoamericanos para el diccionario de ciencias sociales**. Buenos Aires: CLACSO-ILDIS, 1976.
- AZARA, Félix de. **Memoria sobre el estado rural del Rio de la Plata y otros ensayos**. Buenos Aires: Editorial Bajel, 1943.
- BOTANA, Natalio R. **La tradición republicana**. Buenos Aires: Sudamericana, 1984.
- _____. Prólogo. In: SARMIENTO, Domingo Faustino. **Argirópolis o la capital de los estados confederados del Río de la Plata**. Buenos Aires: Emecé, 2011, p. 13-31.
- BRUNO, Paula. **Pioneros culturales de la Argentina: biografías de una época**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2011.

- CHIARAMONTI, José Carlos. **Formas de sociedad y economía en Hispano-América**. México: Editorial Grijalbo, 1983.
- _____. **Mercaderes del litoral**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1991.
- CUNHA, Euclides. **Os sertões**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.
- DEVOTO, Fernando J. Reflexiones en torno de la izquierda nacional y la historiografía argentina. In: DEVOTO, Fernando J.; PAGANO, Nora. **La historiografía académica y la historiografía militante en Argentina y Uruguay**. Buenos Aires: Biblos, 2004, p. 107-131.
- _____, Fernando; PÁGANO, Nora. **Historia de la historiografía argentina**. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.
- ECHEVERRÍA, Estebán. **La cautiva**: el Matadero. Buenos Aires: Emecé, 1999.
- FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. **Todo caliban**. Buenos Aires: CLACSO, 2004.
- FUENTE, Ariel de la. **Los hijos de Facundo**: caudillos y montoneras en la provincia de La Rioja durante el proceso de formación del estado nacional argentino (1853-1870). Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.
- GALASSO, Norberto. **La larga lucha de los argentinos**: y cómo la cuentan las diversas corrientes historiográficas. Buenos Aires: Colihue, 2006.
- _____ et al. **Los hombres que reescribieron la historia**. Buenos Aires: Punto de Encuentro, 2010.
- GALEANO, Eduardo. As caras e as máscaras In: _____. **Memória do fogo**. V. 2. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- GOLDMAN, Noemi; SALVATORE, Ricardo (comp.). **Caudillismos rioplatenses**. Buenos Aires: EUDEBA, 1998.
- HERNÁNDEZ, José. **Vidas del Chacho**. Buenos Aires: Rodolfo Alonso, 1973.
- LACAY, Celina. **Sarmiento y la formación de la ideología de la clase dominante**. Buenos Aires: Contrapunto, 1986.
- LOSADA, Leandro. **Historia de las elites en Argentina**: desde la conquista hasta el surgimiento del peronismo. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.
- LUNA, Félix. **Los caudillos**. Buenos Aires: A. Peña Lillo Editor, 1971.
- PALTI, Elías José. **El tiempo de la política**: el siglo XIX reconsiderado. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.
- PONCE, Aníbal. **Sarmiento**: constructor de la nueva Argentina y la vejez de Sarmiento. Buenos Aires: Solar / Hachette, 1976.
- PRIETO, Adolfo. **Los viajeros ingleses y la emergencia de la literatura argentina**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- QUATTROCHI-WOISSON, Diana. **Los males de la memoria: historia y política en la Argentina**. BA, Emecé, 1995.

SARMIENTO, Domingo Faustino. **Campaña del ejército grande**. Rio de Janeiro: J. Villeneuve & Cia., 1852.

_____. **Conflicto y armonía de las razas en América**. Buenos Aires: Imprenta de D. Tuñez, 1883.

_____. **De la educación popular**. Buenos Aires: Ed. Nuevo Extremo, 2010.

_____. **El general Fray Félix Aldao gobernador de Mendoza**. Santiago de Chile: Imprenta Gutemberg, 1889.

_____. **Facundo o civilización y barbarie**. Buenos Aires: Editorial Sopena Argentina, 1952.

_____. **Facundo ou civilização e barbárie**. Tradução de Aldyr Garcia Schlee. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996.

_____. El Chacho, ultimo caudillo de la montonera de Los Llanos. In: HERNÁNDEZ, José. **Vidas del Chacho**. Buenos Aires: Rodolfo Alonso Editor, 1973.

_____. **Recuerdos de provincia**. Buenos Aires: Clarín/Sol, 2001.

_____. **Darwin**: conferencia leída en el Teatro Nacional tras la muerte de Darwin. Córdoba (Argentina): Universidad Nacional de Córdoba, 2009.

_____. **Argirópolis o la capital de los estados confederados del Río de la Plata**. Buenos Aires: Emecé, 2011.

SHUMWAY, Nicolás. **La invención de la Argentina**. Buenos Aires: Emecé, 1995.

STORTINI, Julio. Polémicas y crisis en el revisionismo argentino: el caso del Instituto de Investigaciones Históricas "Juan Manuel de Rosas" (1955-1971). In: DEVOTO, Fernando J.; PAGANO, Nora. **La historiografía académica y la historiografía militante en Argentina y Uruguay**. Buenos Aires: Biblos, 2004, p. 81-106.

VELLINHO, Moyses. **Fronteira**. Porto Alegre: Globo, 1973.

VERDEVOYE, Paul. **Domingo Faustino Sarmiento**: educar y escribir opinando (1839-1852). Buenos Aires: Plus Ultra, 1988.

ZANETTI, Susana; PONTIERI, Margarita B. Prólogo. In: SARMIENTO, Domingo Faustino. **Recuerdos de provincia**. Buenos Aires: Clarín/Sol, 2001.

ZORRILLA, Rubén H. **Extracción social de los caudillos: 1810-1870**. Buenos Aires: La Pleyade, s/d.